

O DRAMA
— DE —
Canto e Castro

Um Monárquico
Presidente da República

O DRAMA
—~DE~—
Canto e Castro
Um Monárquico
Presidente da República



Museu da
Presidência
da República

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

EDIÇÃO

Museu da Presidência da República / Imprensa Nacional-Casa da Moeda

COORDENAÇÃO GERAL

Maria Antónia Pinto de Matos / Duarte Azinheira

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Elsa Santos Alípio

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Paula Mendes / Rita Costa

Com o apoio:

Alexandre Tojal

NOTAS E PESQUISA DE IMAGENS

Elsa Santos Alípio / Rita Costa

REVISÃO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

DESIGN GRÁFICO

Luís Chimeno Garrido

José Domingues

TRATAMENTO DE IMAGEM

Luís Chimeno Garrido

José Domingues

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

1.ª EDIÇÃO

Agosto de 2019

ISBN 978-972-27-2776-1

DEPÓSITO LEGAL N.º 454 936/19

EDIÇÃO N.º 1023324

Fotografia da pág. 8: José Manuel

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Avenida de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

<https://www.facebook.com/ImprensaNacional/>

Museu da Presidência da República

Palácio Nacional de Belém, Praça Afonso de Albuquerque

1349-022 Lisboa

www.museu.presidencia.pt

<https://www.facebook.com/museudapresidenciadarepublica/>



AGRADECIMENTOS

Agostinho Maurício Paiva de Oliveira, Alexandre da Fonseca, António Pina Falcão, Debbie Sabino Rodrigues, Goulart Machado, João Carlos Oliveira, João Pedro Teixeira, José Diogo Pereira dos Reis, Lourenço Pereira Coutinho, Maria de Lourdes Nunes Ribeiro de Oliveira, Maria do Carmo Pereira dos Reis, Óscar Enrech Casaleiro, Paulo Jorge Estrela, Silvestre de Almeida Lacerda.

ÍNDICE

Mensagem de Sua Excelência o Presidente da República	9
Nota prévia	11
Um presidente militar Rui Ramos	13
Biografia de Maurício de Oliveira	24
— ~ —	
Apontamentos para um perfil	27

CAPÍTULO I

Oficial da Marinha e governador colonial

A tentação do mar	34
Entrada temerária em Lourenço Marques	35
Um transe angustioso com João Chagas	37
Horas difíceis em África	39
Na vigência da República	59

CAPÍTULO II

Ministro da Marinha

Sidónio Pais assume o poder	66
A primeira nomeação no regime sidonista	69
Convidado para a pasta da Marinha	71

Mais um sacrifício pela Armada	89
O primeiro discurso	90
Salazar esteve para ser colega de Canto e Castro no Governo	93
Acaba a guerra!	96
As duas últimas cerimónias antes de habitar Belém	98

CAPÍTULO III

— ~ ~ —
Presidente da República
 — ~ ~ —

O grande pesadelo	102
Pesada herança	106
Uma eleição num ambiente dramático	107
A confusão política	110
A guerra civil	115
«Um rádio importante Sr. comandante...»	117
A vitória da República	119
Como caiu o Governo Tamagnini Barbosa	119
Governo José Relvas	121
Manifestações e tumultos	124
Rápida evolução	125
Renúncia num momento angustioso	128
Consagração pública	130

Um sacrifício ainda.....	133
O encontro com Epiácio Pessoa	134
De novo a perturbação	136
Os últimos setenta dias.....	154
Enfim liberto!	155

CAPÍTULO IV

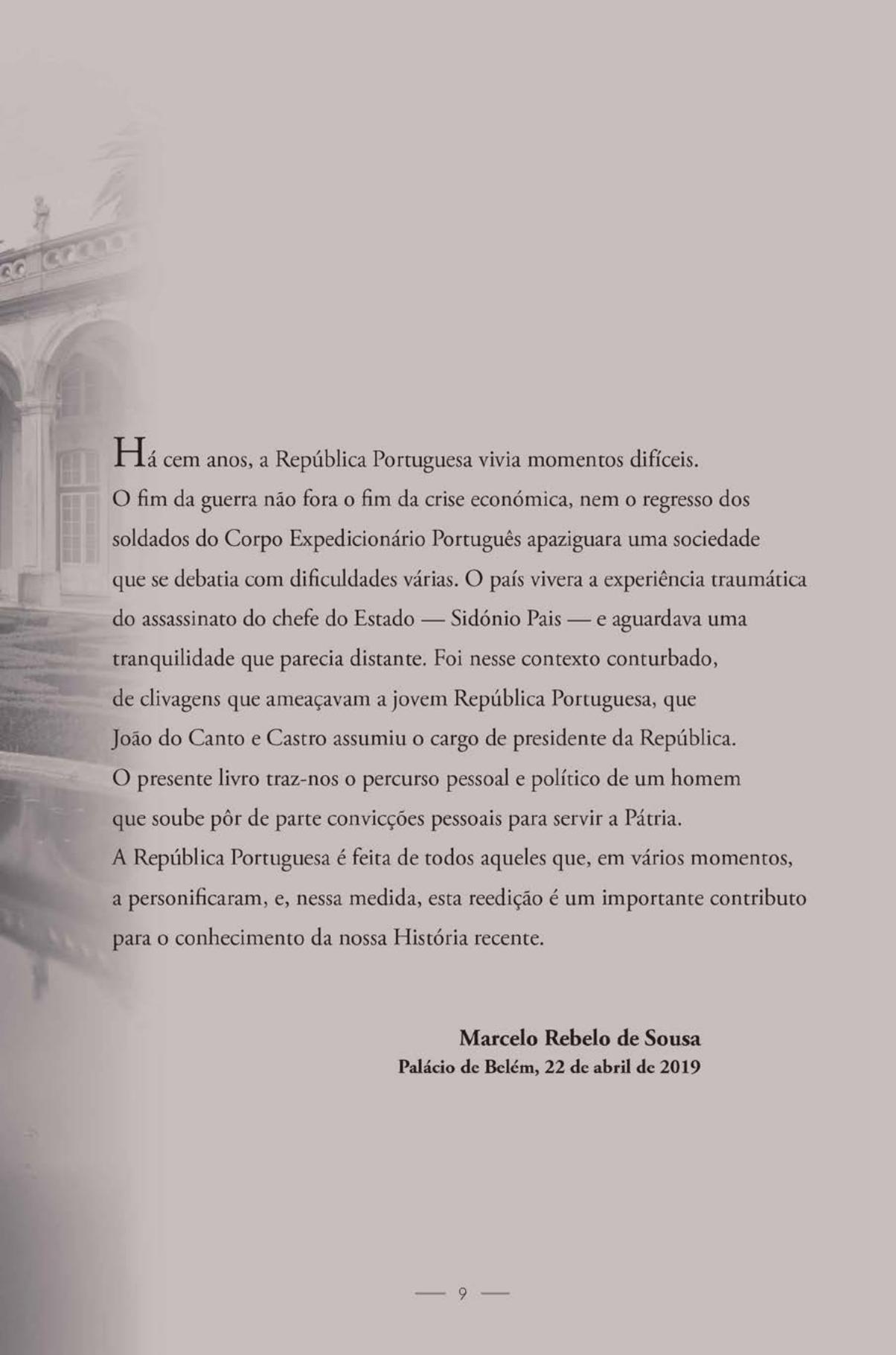
Exilado da vida
e dos homens

Compreendido e incompreendido	160
O bilhete da rainha	166
Primeira entrevista	169

CAPÍTULO V

A derradeira viagem

Os últimos momentos	176
Preito de homenagem	177
Consagração nacional	180
Fontes e Bibliografia.....	183



Há cem anos, a República Portuguesa vivia momentos difíceis. O fim da guerra não fora o fim da crise económica, nem o regresso dos soldados do Corpo Expedicionário Português apaziguara uma sociedade que se debatia com dificuldades várias. O país vivera a experiência traumática do assassinato do chefe do Estado — Sidónio Pais — e aguardava uma tranquilidade que parecia distante. Foi nesse contexto conturbado, de clivagens que ameaçavam a jovem República Portuguesa, que João do Canto e Castro assumiu o cargo de presidente da República. O presente livro traz-nos o percurso pessoal e político de um homem que soube pôr de parte convicções pessoais para servir a Pátria. A República Portuguesa é feita de todos aqueles que, em vários momentos, a personificaram, e, nessa medida, esta reedição é um importante contributo para o conhecimento da nossa História recente.

Marcelo Rebelo de Sousa
Palácio de Belém, 22 de abril de 2019

Nota prévia

A edição original de *O Drama de Canto e Castro — Um Monárquico Presidente da República* foi publicada em 1944 por Maurício de Oliveira. Jornalista multifacetado, com um interesse especial pela Marinha, o autor escreveu no prefácio que não pretendia fazer história, mas homenagear um amigo que fora «essencialmente marinheiro» (p. 28). Passados 75 anos, o Museu da Presidência da República, em parceria com a Imprensa Nacional, reedita a obra pela sua importância para a biografia de João do Canto e Castro Silva Antunes, presidente da República Portuguesa entre dezembro de 1918 e outubro de 1919.

Enquadrados pela data da publicação e pelas palavras do seu autor, encarámos o livro não como uma história final — coisa que sabemos não existir —, mas como uma fonte para o conhecimento do período e da personalidade em causa. O prefácio do historiador Rui Ramos e as notas de rodapé que inserimos ajudam a contextualizar e a guiar o leitor num registo que é, naturalmente, espelho de uma época e de uma amizade entre entrevistador e entrevistado, características que, porém, não lhe tiram valor enquanto documento histórico.

Na impossibilidade de recuperar todas as imagens insertas na edição original, seleccionámos um conjunto de fotografias que ilustram os principais momentos da biografia de Canto e Castro. Cem anos após a sua presidência, trazemos de volta um livro que é um contributo para conhecer melhor uma biografia e um período da nossa História recente.

Museu da Presidência da República





A tentação do mar

Aos dezanove dias do mês de maio do ano de 1862, uma distinta e virtuosa senhora — D. Maria da Conceição do Canto e Castro Mascarenhas Valdez — esposa do general José Ricardo da Costa Silva Antunes, dava à luz, nesta cidade de Lisboa, uma criança do sexo masculino que recebia o nome — com um sabor meio aristocrático, meio plebeu — de João do Canto e Castro Silva Antunes. Tinha nascido um futuro presidente da República Portuguesa, nessa data ainda tão longe de ser implantada.

O menino João, como quase todas as crianças, gostava de barcos. Quando lhe perguntavam o que queria ser na vida, respondia invariavelmente: ser marinho, correr o mundo!

Esta tendência acentuou-se-lhe com o crescimento — o que nem sempre acontece, pois esses entusiasmos diluem-se, por vezes, com o descortinar de novos horizontes, com as companhias da mocidade, com os desejos dos pais que prefeririam ver o menino engenheiro ou doutor, em medicina ou em leis, afastado da *pobreza doirada* que é a carreira das armas...

Nada disto se deu, porém, na família de Canto e Castro. O menino João escolheria a carreira que desejasse. À medida que o seu espírito se formava, a tendência pró-mar acentuava-se-lhe. A leitura dos livros sobre assuntos navais preenchia as suas horas disponíveis. Canto e Castro nascera, efetivamente, para ser marinheiro.

Matriculado no Colégio Luso-Britânico, fez ali os seus estudos com brilho. Era um moço inteligente, estudioso e metódico em todas as suas coisas.

O seu sonho começava, enfim, a ter realização em 10 de novembro de 1881, data em que assentava praça, aspirante da Real Escola Naval, aos 19 anos, com um curso de acesso muito brilhante.

Manteve nobremente os seus créditos na nossa douta Academia de Marinha. Fez um curso notório que deixava antever, no jovem e brioso aspirante, um futuro grande oficial.

A 11 de outubro de 1883 punha o seu primeiro galão de guarda-marinha e, quatro anos depois, era 2.º tenente.

Como oficial de guarnição pisou, até essa altura, as toldas da corveta *Bartolomeu Dias* — na qual fez a sua primeira grande viagem — da fragata *D. Fernando* — que ainda navegava por esses tempos — da corveta *Estefânia*, do transporte *África* e das canhoneiras *Tâmega*, *Liberal* e *Zaire*.

O 2.º tenente Canto e Castro afirmava-se um oficial na melhor aceção do termo: pundonoroso, sabedor, refletido, disciplinado e justo.

Navegou, logo muito novo, até aos confins do Oriente: foi a Macau e a Timor e aí contraiu, talvez, a enfermidade intestinal que o acompanhou e atormentou através da vida inteira.

Entrada temerária em Lourenço Marques

Embarcado na canhoneira *Zaire*, como oficial de guarnição, foi até Moçambique onde se viu guindado às funções de imediato por este ter retirado, doente, para Lisboa. Levou o navio à Índia e, tendo retirado para a metrópole o comandante, em gozo de licença, a Majoria-General da Armada, conhecendo já aquilo que podia exigir de Canto e Castro, nomeava o jovem 2.º tenente comandante interino da canhoneira, em 1 de abril de 1889.

Mandado seguir para o Natal, a fim de ficar às ordens do famoso explorador Serpa Pinto, conduziu-se com brio e aprumo conquistando, pelo seu prestígio e pela sua conduta, a admiração e a estima dos seus subordinados.

Chegando de noite diante do porto de Lourenço Marques¹ — que conhecia tão mal — Canto e Castro, sabedor das dificuldades da entrada, decidiu-se a entrar sem piloto. Era uma temeridade, para um oficial de 26 anos, pouco ou nada experiente daquelas paragens.

1 Atual Maputo, Moçambique.

Mas Canto e Castro olhou a carta, considerou os enfiamentos e mandou andar a vante. Manobra felicíssima que provocou, no dia seguinte, lisonjeiros comentários da Imprensa e da população.

Tendo saído depois para Durban, suportou um violento temporal durante 36 horas e entrou naquele porto ainda debaixo de forte borrasca. Era a primeira vez que um navio da Armada portuguesa entrava em Durban. Esta circunstância e o facto do navio ir comandado por um jovem 2.º tenente, tornaram o acontecimento muito popular, quer através dos jornais, quer nas receções e outras cerimónias dedicadas aos marinheiros portugueses.

Estas comissões valeram-lhe o seu primeiro louvor, em termos muito honrosos, dado pelo comandante da Divisão Naval do Índico.

Em março de 1890 partia para o Congo, como auxiliar técnico da Comissão de Limites onde realizou, como sempre, bom trabalho. Regressado em novembro desse mesmo ano, recebeu então as suas duas primeiras condecorações por esse importante serviço: a Ordem da Estrela Africana, belga, e a medalha de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, portuguesa.²

Promovido a 1.º tenente em janeiro de 1891 — poucos dias antes do fracassado movimento republicano ao qual o seu nome havia de ficar indiretamente ligado³ — Canto e Castro passou então a servir sob as ordens de Ferreira do Amaral, na Escola de Alunos Marinheiros, em Lisboa.

Contraía, entretanto, matrimónio com D. Mariana de Santo António Moreira Freire Correia Manuel Torres d'Alvim,⁴ que seria sua dedicada companheira até à morte.

Um ano depois, vagando o lugar de governador de Lourenço Marques, o almirante Ferreira do Amaral, elevado já então ao Conselho da Coroa, pensou que o seu 1.º tenente da Escola de Alunos Marinheiros — que ele se acostumara a admirar nas suas excelentes qualidades pessoais e nos seus autênticos méritos profissionais — talvez desse um bom governador de Lourenço Marques.

2 A primeira ainda em 1890; a segunda em 23 de julho de 1891.

3 Referência à revolta militar que eclodiu no Porto em 31 de janeiro de 1891. Sem sucesso, é considerado o primeiro ensaio para a implantação da República por via da força.

4 Erro do autor: o último apelido da mulher de João do Canto e Castro é Aboim e não Alvim. O casamento deu-se em 18 de junho de 1891.



Atelier Fillon

A. Babone

LISBOA

Uma oferta de ingleses á marinha portugueza

UMA das mais cativantes e significativas provas de amizade que nos tem sido ultimamente dispensadas pelos subditos da nossa poderosa aliada, foi a dadiua da colonia ingleza de Cabo Verde á ca-



A bordo da canhoneira «Ibo». — O secretario de Estado da marinha, contra-almirante sr. Canto e Castro, tendo á sua esquerda o major general da armada, almirante sr. Ferreira, e o comandante da canhoneira. No plano anterior vê-se o almirante sr. Julio Galois, diretor geral da 2.ª direção da marinha.



2. O primeiro artilheiro n.º 2596, Manuel Pires, de irreprezível porte que, desde o começo da guerra e sempre a bordo da *Ibo*, muito se tem distinguido como militar e a quem o sr. Canto e Castro fez entrega do «Escudo d'Armas» para a guarnição. — 3. A taça de prata destiuada aos officiaes da *Ibo* e o «Escudo d'Armas» para a sua guarnição, dadiuas da colonia ingleza de S. Vicente de Cabo Verde, onde aquelle vaso de guerra fez serviço durante quasi toda a guerra.

nhoneira *Ibo* que, durante a guerra, muito estacionára n'aquelas aguas, pela defeza constante, proficua e por vezes bem arriscada, que lhe prestou. A entrega d'esta oferta áquele vaso de guerra portuguez motivou uma cerimonia solene, que revestiu grande brillantismo, com a assistencia de varias autoridades de marinha, do comandante e officiaes do cruzador inglez *Active* e do secretario de Estado da marinha que, discursando, encareceu os feitos heroicos da nossa marinha de guerra e recordou sentidamente os que pereceram na luta, aliados e portuguezes, honrando as suas patrias e a humanidade.



Marinheiros e officiaes da canhoneira *Ibo*, formados na coberta, ouvindo o discurso do sr. secretario de Estado da marinha. (Clichés A. Franco).



34.

João do Canto e Castro e Mariana Canto e Castro, na sua casa na Praia das Maçãs.

Praia das Maçãs, Sintra, década de 1920

Museu da Presidência da República, Arquivo Canto e Castro
MPR/ACC/Cx001/023



38.

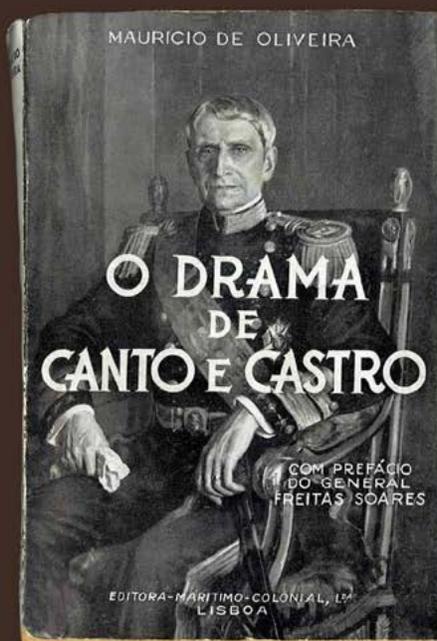
Retrato oficial de João do Canto e Castro, que integra a Galeria dos Retratos dos Presidentes da República, no Museu da Presidência da República. Canto e Castro pousa com o uniforme de almirante, ostentando as insígnias da grã-cruz da Ordem Militar da Torre e Espada (placa ao peito e banda azul com pendente), recebidas em 1919.

Henrique Medina, 1933

Óleo sobre tela

Museu da Presidência da República

MPR/CC/PIN/0170



A edição original de *O Drama de Canto e Castro — Um Monárquico Presidente da República* foi publicada em 1944 por Maurício de Oliveira. Passados 75 anos, o Museu da Presidência da República, em parceria com a Imprensa Nacional, reedita a obra pela sua importância para a biografia de João do Canto e Castro Silva Antunes, presidente da República Portuguesa entre dezembro de 1918 e outubro de 1919.

Cem anos após a sua presidência, trazemos de volta um livro que é um contributo para conhecer melhor uma biografia e um período da nossa História recente.



Museu da
Presidência
da República

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

